

16 DIAS DE GREVE

UNIÃO E LUTA RESULTAM EM GARANTIA DE SEGURANÇA E EFETIVO PARA O TERMINAL ALEMOA

A greve da Alemoa foi um grande momento para a categoria petroleira do Litoral Paulista. Foram 16 dias intensos de greve na porta da unidade, com adesão de próprios e terceirizados, contra a redução do efetivo e por segurança no terminal. Após permanecerem em greve, os petroleiros da Alemoa decidiram no dia 1º de outubro, aceitar a minuta proposta pela empresa e encerrar a greve.



SIGA NAS REDES!



Sucateamento

Vazamentos no Terminal da Alemoa comprovam que a luta por segurança é legítima e deve ser perpetuada

Nos últimos dois meses ocorreram dois vazamentos nos braços de carregamento de navios (vazamento de óleo hidráulico em um dos eventos e diesel no outro evento) no Terminal da Alemoa, em Santos. No mês de setembro houve um vazamento na linha de 24 polegadas que fornece óleo combustível para navios e dois vazamentos de GLP em linhas que abastecem os Flashes A e C.

Além disso, em um episódio recente, a linha de combate a incêndio ficou despressurizada por vários dias, contrariando o procedimento PE-5TP-00119-F SISTEMAS DE EMERGÊNCIA - TA SANTOS. Esse procedimento determina que a linha de incêndio esteja pressurizada com 7,0 kgf/cm² e com água doce. A manutenção dessa pressão é realizada por duas bombas “jockey”, sendo que apenas uma está operacional.

O procedimento PE-5TP-00119-F ainda cita um automatismo que não está disponível, por conta das limitações de pressão de operação da tubulação de incêndio. Sendo assim, as bombas de combate a incêndio só podem ser ligadas após a abertura de uma válvula manual que se encontra na descarga das bombas e sem a abertura dessa válvula manual (que deve ser operada por um operador do píer), coloca-se em risco a integridade da tubulação de combate a incêndio, devido às altas pressões estabelecidas pelas bombas.

Nem mesmo episódios como esses impediram que o gerente do terminal e o gerente de operações decidissem, de forma arbitrária e unilateral, pela redução do quadro de operadores, retirando o operador responsável pelo carregamento de



barcaças. Esse carregamento, que acontece 24 horas por dia, movimentada em torno de 180 mil toneladas de bunker por mês.

A retirada do operador do píer de barcaças contraria a norma 2671 da empresa, que em seu item 5.4.15 traz o seguinte texto: “O operador do terminal designado para acompanhar a operação deve permanecer no píer durante todo o carregamento.”. Com a “canetada” da gerência, o operador dos píeres de navios fica responsável também pelo carregamento das barcaças, gerando sobrecarga de trabalho e, obviamente, não podendo acompanhar a operação de carregamento das barcaças de forma dedicada.

A operação não pode garantir a segurança operacional com o quadro reduzido, principalmente em um terminal em que os equipamentos estão em severo estado de degradação.

Para piorar a situação, o terminal passa por uma drástica mudança no perfil do quadro operacional. Os operadores cedidos pela Petrobrás estão deixando a unidade e muitos trabalhadores de outras bases passaram a compor os grupos de turno. Muitos deles laboravam em outras funções não operacionais e através do Plano de Cargos e Remuneração (PCR) acabaram sendo alavancados para a área operacional e tiveram que assumir os no-

vos postos de trabalho às pressas e sem tempo hábil de instrução.

A gestão da unidade deveria se preocupar em fornecer treinamento adequado à força de trabalho e estabelecer quem são os brigadistas que compõem as brigadas de emergência. Afora isso, também deveriam informar quando foram realizados os últimos treinamentos desses profissionais.

Por tudo isso, a greve que ocorreu durante 16 dias no terminal foi mais do que legítima porque os petroleiros lutavam por segurança e aumento de efetivo. O movimento acabou, mas o embate continua já que sabemos que a qualquer momento a alta cúpula da empresa pode recuar.



Baixe o aplicativo Sindipetro LP e fique por dentro do que acontece no Sindicato! Aponte a câmera do seu celular para o QR CODE e instale já!



Android



IOS

Braços cruzados

Repercussão da mídia e união da força de trabalho foram pontos altos do movimento grevista no Terminal da Alemoa

A greve da Alemoa foi um grande momento para a categoria petroleira do Litoral Paulista. Foram 16 dias intensos de greve na porta da unidade, com adesão de próprios e terceirizados, contra a redução do efetivo e por segurança no terminal.

Iniciada no dia 16 de setembro, com a rendição do turno das 19h, na manhã do dia seguinte, os trabalhadores da Alemoa estavam cedo na entrada da unidade, parando os terceirizados e com todos os principais veículos de imprensa presentes, dando destaque nos noticiários sobre as denúncias da categoria quanto a falta de segurança no terminal. A imprensa repercutiu a preocupação dos petroleiros por mais um acidente ampliado, com proporções iguais ou ainda maiores do que aconteceu na Ultracargo em 2015.

Ocupamos, quase que diariamente, o noticiário da região, denunciando a má gestão do terminal Transpetro Alemoa, com entradas ao vivo no Bom dia Região, da TV Tribuna (Globo), Litoral Urgente, na Thathi TV Band, apresentado pelo jornalista Luciano Faccioli, no programa "Ponto de Vista", com Edgar Boturão, na TV Santa Cecília, na Rádio Brasil Atual (RBA Litoral), além de jornais, sites em uma ampla cobertura da greve e suas razões.

Ganhando força e repercussão a cada dia, estranhamente, os gestores da Transpetro não questionaram a greve, tampouco chamaram o sindicato para negociar o efetivo ou as pautas defendidas pelos trabalhadores. Cinco dias após termos começado a greve, o então presidente da Transpetro, Gustavo Raposo, entregou carta de renúncia ao cargo, sendo substituído posteriormente pelo diretor de serviços, Luiz Eduardo Valente. Se nossa greve teve algo a ver com essa mudança, nunca saberemos, mas é fato que nosso movimento não passou batido pela alta



cúpula da empresa.

A empresa tentou subterfúgios para manter a normalidade da operação no terminal, que durante todo tempo foi conduzida em parte por gestores e engenheiros, sem qualquer treinamento em operação. Ainda no dia seguinte ao início da greve, a imprensa pode presenciar labaredas enormes saindo pelo flare, provavelmente causado por alguma manobra mal executada pela contingência da empresa. O desespero dos gestores do terminal passou a ser visto também no assédio aos trabalhadores, principalmente nos terceirizados. Alguns prepostos de contratadas protagonizaram poucas cenas de bate boca na entrada da fábrica, ao tentarem passar com os trabalhadores acucados dentro dos carros, sem passar o cartão de identificação na catraca, burlando todo procedimento de segurança da empresa. Foram impedidos pelo bom senso e recusa dos trabalhadores em se exporem aos riscos.

Como última alternativa, a empresa

passou a desviar a entrada de parte dos trabalhadores pelo porto, tentando atravessá-los por barcas. Os petroleiros em greve foram até esses locais, mas ninguém apareceu.

Juntamente com o movimento paredista, os petroleiros da Alemoa receberam manifestações de apoio com mobilizações na Revap, base do Sindipetro de São José dos Campos e na refinaria Gabriel Passos (Regap), em Betim, Minas Gerais. No LP, os petroleiros da RPBC também fizeram atos em solidariedade aos petroleiros em greve.

O Sindipetro-LP direcionou todos os esforços para ampliar o impacto político da greve, buscando apoio inclusive de vereadores de Santos. No dia 28 de setembro, dois dias antes da empresa enviar a proposta aprovada em assembleia, o coordenador Fabio Mello usou a Tribuna Cidadã da Câmara Municipal de Santos para falar sobre a greve e pedir atuação dos vereadores para levantar se a Transpetro Ale-

moa vem cumprindo a NR20, garantindo um quadro mínimo para operação segura do terminal e se há uma brigada de incêndio definida e treinada para casos de emergência.

Após todas as iniciativas dos petroleiros em greve, depois de algumas reuniões sem avanços, a empresa finalmente apresentou uma proposta que atendia parte dos anseios da categoria e pode ser votada em assembleia.

Encerramos a greve com a cabeça erguida, mais unidos do que nunca, conhecendo cada trabalhador que se dedicou ao movimento e que se entregou em prol dos colegas.

Agradecemos os esforços de todos e parabenizamos a organização dos petroleiros da Alemoa, que durante 16 dias formaram uma frente em defesa da vida, da unidade e da comunidade em torno. Mais do que manter a operação segura no terminal, hoje podemos dizer que sabemos com quem contar!

Na base da luta!

Petroleiros da Alemoa conquistam avanços na manutenção do efetivo e segurança operacional

Após permanecerem em greve por 16 dias, pela manutenção do efetivo atual, pela segurança dos trabalhadores, do terminal e da vizinhança do entorno da unidade, os petroleiros da Alemoa decidiram no dia 1º de outubro, aceitar a minuta proposta pela empresa e encerrar a greve.

Fizemos uma greve forte, revezando os grupos de turno na porta da fábrica, sem esmorecer ao cansaço e pressão dos gestores. Mais do que a minuta da proposta, garantindo melhores condições de trabalho e segurança da unidade, a greve foi um momento de demonstração de união e amizade, integrando petroleiros novos de terminal e antigos de casa em busca do bem coletivo, criando novos laços e fortalecendo a categoria em torno do sindicato.

A categoria sai fortalecida dessa greve, servindo de exemplo para as demais bases de petroleiros de todo o Brasil, mandando o recado para os atuais gestores da Petrobrás de que somos uma categoria unida e organizada, que sabe como lutar por seus direitos.

Diante da proposta da Transpetro, arrancada pelos trabalhadores grevistas, deixamos registrado aqui que, caso a gestão da Transpetro não cumpra o que está sendo assinado em minuta aprovada em assembleia, os trabalhadores do terminal Alemoa não se furtarão a exercer novamente o direito constitucional de greve, a fim de preservar seu direito a um trabalho seguro.

Parabenizamos todos os trabalhadores do terminal que se envolveram na greve, aos terceirizados, que apoiaram o movimento, aos sindicatos da construção civil, metalúrgicos e Sindserv Santos, estudantes e Frente Sindical Classista, Sindipetro Unificado São Paulo e outras bases, que estiveram conosco segurando 16 dias de greve que já entrou para a história das lutas e conquista do Sindipetro Litoral Paulista! **Estamos mobilizados e cada vez mais fortes!**



VEJA AS CONQUISTAS DA GREVE

- 1 – Manutenção do quantitativo atual do quadro de operadores até março de 2022;**
- 2- Manutenção dos trabalhadores Petrobrás mais experientes para uma passagem de serviço (gestão de conhecimento), de forma apropriada;**
- 3- Compromisso da Transpetro em finalizar o estudo de efetivo conforme padrões exigidos pela NR20, principalmente após a reclassificação do terminal de nível 2 para nível 3 de grau de risco;**
- 4 – É conquista da greve compromisso da Transpetro de que sempre que tiver necessidade operacional excepcional, a empresa irá avaliar a inclusão de reforços para atender a demanda operacional com segurança;**
- 5 - Comprometimento da Transpetro em reavaliar o atual quadro caso a necessidade operacional seja alterada com aumento de tarefas ou novas rotinas operacionais;**
- 6 – A Transpetro se comprometeu a retornar os treinamentos dos brigadistas e compor brigada de emergência com acompanhamento da Cipa;**
- 7- Dias parados - por se tratar de uma greve ambiental, garantimos abono de 50% dos dias parados e desconto de 50%, sem reflexos, em 25 de outubro, o que é um avanço, dado o histórico de desfechos de movimentos grevista.**
- 8- Punições - a gestão da empresa se comprometeu a não promover punições e nem retaliações aos petroleiros e petroleiras grevistas**